

A CLASSE

ORÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DO CRATO

Ano. = CRATO — CEARÁ — 5 DE NOVEMBRO, DE 1949 — Nº 14

1º Centenário de Rui Barbosa

Intenso movimento efêvo agita todo o país que comemora hoje festiva e condignamente, o centenário do maior dos seus filhos em letras—Rui Barbosa—

O eminente estadista, como o Brasil, nasceu na capital da Bahia a 5 de Novembro de 1849. Em 1871, ao completar 22 anos de idade, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais, na cidade de São Paulo. E ao chegar de volta à terra natal, em 1872 instalou o seu escritório de advocacia. Encetando a sua vida pública, coronou-se de louros e fez largo o círculo de amigos e admiradores.

O renome e as simpatias populares que já a esse tempo desfrutava, concorreram decisivamente para a sua eleição a deputado, em 1878, à Assembléa Provincial da Bahia, onde se notabilizou com um discurso que pronunciara sobre liberdade comercial. Começou aí a sua grande luta. A invulgar inteligência que possuía, servida por uma cultura poliforme, levou-o a ocupar com brilhantismo os mais altos cargos públicos. A firmeza do seu caráter e a independência do seu espírito privilegiado e sempre devotado à causa do Direito e da Justiça, foram condições que o impropriaram aos bafejos da fortuna que o não atraía. Patriota a mais não poder ser, idealista inarrefecível, fez, ao lado de Castro Alves e muitos outros, a campanha abolicionista; lutou pela queda do Império; fez a campanha republicana; promoveu a campanha civilista. Tinha o faustio da luta. E neste combater constante, servindo-se da imprensa, da cátedra e da tribuna, produziu a maior e a mais vasta obra literária de todos os tempos, a qual orça em cerca de trescentos volumes. Isto comprova a sua qualidade de extrêmo maneijador da língua. O seu espírito inamoldável às injunções da época, fê-lo experimentar a aridez do exílio.

A sua vida acidentada e entremediada de glória e de infortúnio, foi a mais eloquente expressão de cultura de um povo.

Dizem que Benjamin e Daodoro fundaram a R. pública mas quem a construiu foi Rui porque na implantação do novo regime só o seu cérebro pensou e agiu. A 9 de Novembro Benjamin escreveu a Rui dizendo: "o seu artigo hoje fez a República". E à tarde do dia 15, não estavam os membros do govê no como haviam de chamar a nova forma de Estado que iam inaugurar. Rui então propôs, e todos acceitaram, que se desse o nome de "Republica dos Estados Unidos do Brasil". Vê-se, pois, que Rui trazia na alma a imagem viva da Pátria. Foi de sua autoria exclusiva o decreto (decreto nº 1) que proclamou a República logo após a proclamação, a 7 de Janeiro, outro decreto escreveu separando do Estado a Igreja, pelo que o acceitaram de acatólico; desmentiu dizendo que aquele decreto e a Constituição de 24 de Fevereiro não eram conquistas do positivismo mas decorriam da liberdade cristã que irradiava dos Estados Unidos para o Universo. O seu sincero de Rui e a isto me levam a sua conferência em favor de 50 órfãos do Asilo de N. S. de Lourdes, da Feira de Santana, em 22 de Fevereiro de 1893 e a sua magistral oração pronunciada no Colégio Anchieta. E se tanto não bastasse, poderia aduzir o seu discurso proferido após a missa campal celebrada na passagem do seu jubileu efêvo. Nota-se, é certo, que tendo prefaciado e comentado favoravelmente "O Papa e o Concílio" e tendo ainda propugnado pela separação do Estado da Igreja, divorciou-se Rui do Clero. Mas quem lhe per-lustrar as produções literárias posteriores, há de convir que Rui se devolveia, a cada passo, ao seio do catolicismo, tanto assim foi que ao morrer, conveio em que

Sessão Comemorativa do 1º Centenário de Rui Barbosa

Sob o patrocínio do Colégio Diocesano do Ginásio Sta. Tereza da Escola Técnica de Comércio da A. E. C. C. e da Prefeitura Municipal, será comemorado hoje o 1º centenário de Rui Barbosa. Nas festividades cívicas que o Crato tributa à sua memória, estão colaborando vários intelectuais.

Programa da sessão comemorativa do 1º centenário de Rui Barbosa, que se realiza hoje, às 19.15 horas, no pátio do Ginásio Santa Tereza de Jesus:

Abertura — Prof. Aluisio Epitácio

Oradores inscritos:

Dr. Francisco Esmeraldo

Dr. Raimundo Borges

Naylé Felício

Dr. Aluisio Cavalcante

Pe. Antonio Feitosa.

o franciscano Frei Celso lhe ministrasse os "Santos Óleos", não tendo comungado porque a isto o impediu a rebelde paralisia bulbar que lhe atacara a garganta.

Rui foi arguido de prolixo. E que singularidade esta — falando dele, incorro nesta falta que nele era qualidade. Mas seria impossível dizer em poucas palavras o que foi a maior obração universal do seu tempo. Este conceito, que não é meu, fizeram-lhe as 48 línguas que se representaram na famosa Segunda Conferência da Paz, realizada em Haia, na qual o grande estadista brasileiro foi a figura primacial, centralizando a atenção do mundo inteiro.

O brilho do seu talento, inigualável, o fulgor de sua inteligência, a sua maravilhosa cultura em todos os ramos do Direito, proclamaram-no o jurista universal do mundo civilizado reunido em Haia, donde Rui voltando ao Brasil, trouxe para a sua Pátria estremecida, as maiores honras e glórias imortais — verdadeiro patrimônio moral que a esta geração compete zelar e defender para transmitir o integral e imaculado às gerações futuras.

Naylé G. Felício

Do 1º ano Técnico

A CLASSE

Redator-Chefe: — FLORIVAL MATOS
 Redator-Secretário: — F. S. NASCIMENTO
 Gerente: — J. ALBERTO BARBOSA
 Diretores: — JOSE JUSTINO DE OLIVEIRA, JUVEN.
 IO MARIANO, RUI CARLOS ALENCAR E
 CLÉA ANCILON PEREIRA

EXPEDIENTE
 CIRCULAÇÃO QUINZENAL

Assinatura anual	15,00
Número avulso	0,50

Redação — Rua Santos Dumont, 63

Precisa-se de Um Tradutor

Sou leitor assíduo do jornal E'cos da Semana (a música cacofônica vai por força do nome da folha) e como tal, gosto muito de ler as suas entrevistas e as suas reportagens (perdã) para o neologismo). Estou, porém, precisando de um interpretador de "parábolas" para traduzir a linguagem de "A Fome Reina Nesta Casa", trabalho publicado na edição de 30 de Outubro.

O primeiro período tem cerca de sessenta palavras inócuas e sem indicação das "pedras" e das "chaves". Talvez por isso não logrei decifrá-lo.

As "chaves" do segundo período são: "uma mão" e "transação"; conceito: "... jovens... houve de realizar... uma obra..."

Para efeito de publicação, a decifração total ou parcial deve ser enviada aos cuidados desta folha, a

Édipo

NOTA:— Pedimos a E'dipo que se nos faça conhecer. Somente assim nos desresponsabilizamos de sua presente colaboração e das mais que nos queira enviar. Guardaremos segredo. *Os relatores*

Publicações Recebidas

Recebemos do sr. Bruno de Meneses, Rio:

- Estatística Industrial—I
- Organização Sindical—III
- Correio da Manhã (Vários números)
- Folha da Noite.
- Diretrizes e
- Diário do Comércio.

Agradecidos.

Policlínica Miguel Lima Verde

Serviço assistencial em cooperação com a "SESC"

Movimento até Setembro

SERVIÇO MÉDICO

Atendidos no consultório e em domicílios..... 2.859

SERVIÇO DE ENFERMAGEM

Atendidos no Ambulatório..... 5.515

SERVIÇO ODONTOLÓGICO

Atendidos no consultório..... 2.176

SERVIÇO DE LABORATÓRIO

Exames diversos..... 270

SERVIÇOS DE PARTOS

Ocorridos..... 68

BANHOS DE LUZ

Aplicações feitas..... 477

(*) Vicente Alves Bezerra — Diretor

CASA JUCA'

— D E —

José Jucá

VENDE A PREÇOS EXCEPCIONAIS

LINHOS, CASIMIRAS, RAIONS,

SÊDAS E UM SEM NUMERO

DE ARTIGOS PARA PRE-

SENTES LOÇÔES MARAJOÁRA, ITA-

MIRATI E TODOS OS PERFU-

MES DA "COTY" SO' NA

Casa Jucá

Crato — Rua João Pessoa, 96 — Ceará

Farmácia São José

de ALFREDO ALENCAR FILHO

COMPLETO SORTIMENTO DE DROGAS

NACIONAIS E EXTRANGEIRAS

PREÇOS MÓDICOS

Rua Barbara de Alencar, 197

CRATO —

— CEARA'

CATURRICES

Não anda bem de saúde quem, à guisa de uma explicação, borbulha citações precipitadamente, procurando abstrair uma derrota evidentemente desastrosa. Tencionando justificar seu "anormalisar" (com s), vem o autor de "A Um Filólogo" (com narcisar (com s), aludindo à aprovação de Cândido de Figueiredo, em Ortografia no Brasil, da terminação *isar* deste verbo. Que tolice! Narcisar é formado de *narciso*—o+ ar. O s aparece já no substantivo, e o sufixo que averba a palavra é *AR* e não *ISAR*. Cândido de Figueiredo tinha razão, quando aprovava a ortografia de *narcisar* (com s) e não *narcizar* (com z).

Cita meu controversista, em sua confusão, a frase que Batista Pereira mencionou no prefácio de Coletânea Literária: "Só o influxo da arte comunica durabilidade à escrita humana, *marmorisa* (com s) o papel e transforma a pena em escopro". Mas Ruy não disse isso. O que escreveu foi: "Só o influxo da arte comunica durabilidade à escrita humana, só ele *marmoriza* (com z) o papel, e transforma a pena em escopro". (Parecer, 5). Deve se, portanto, a Batista Pereira o *marmorisar* (com s), como outros verbos que Ruy, já em 1897, escrevia com *izar*. Consulte, se lhe apraz, a conferência pronunciada no Polytheama Bahiano. Nessa, lê-se: *agonizar*, 556; *civilizar*, 488; *preconizar*, 488; e 503; *estigmatizar*, 489; *personalizar*, 499; *soberanizar*, 508; *imobilizar*, 506; *realizar*, 508; *organizar*, 509, 514, 531, 533 e 540, e todos os mais verbos em que o sufixo racional era *izar*. Do punho de Ruy Barbosa, duvida-se que tenha saído *marmorisar* (com s). Filólogo consumado depois da "Réplica" (1904), não seria ele quem ignorasse que *izar*, "do grego *izein*, por via latina *itiare* ou *icare*", não podia, em tempo nenhum, ser escrito com um S. Dizer que Ruy empregou *isar* e *izar* indiferentemente, é contrariar o grande vernaculista brasileiro. Dos verbos formados de adjetivos e substantivos terminados em L, coligi mais de 40 exemplos em Discursos e Conferências, Oração do Apóstolo, Esfola da Calúnia, Elogios Acadêmicos e Anais do Parlamento Brasileiro—Obras Completas, sem uma exceção. Até mesmo o verbo *esterilizar*, escreveu Ruy com o sufixo *izar*, em: "Não a um homem de luta e combate, cumulado de

odios, mortificado de reveses, golpeado de provações, a um político malogrado, com todos os seus erros e todas as suas culpas, todas as suas queixas e todos os seus pecados, com todos os defeitos característicos e todos os vícios irremediáveis de uma carreira, em que se lhe esterilizou (com z) o melhor de sua natureza: o gosto das coisas intellectuales, a estima dos prazeres desinteressados, a elevação da vida espiritual". (Elogios Acadêmicos). Não é de Ruy a frase a que fez referência o autor do injustificável ANORMALISAR. Ruy nunca escreveu: "Sou um homem de luta e combate, cumulado de odios, mortificado de revezes (com z), golpeado de provações, um político malogrado com todas as características e vícios irremediáveis de uma carreira em que se esterilisou (com s) o melhor da sua natureza; o gosto das coisas intellectuais a estima dos prazeres desinteressados, a elevação da vida espiritual". Esta frase foi transcrita de uma fonte talvez ilegítima, tal a dessemelhança de uma da outra.

Uma polémica, é coisa séria; qualquer deslize que se evidencie numa citação ou asserto, é o bastante para exautorar um polemista. Isso foi o que sucedeu com o autor de "A Um Filólogo". Procurando ele envolver-me na mesma confusão em que se encontrou, aludiu, depois de fazer duas citações a êsmo, à "controversia máxima dos dois maiores concededores da lingua portugueza (portuguesa escreve-se com S) em Portugal e no Brasil: RUY BARBOSA E CARNEIRO PINHEIRO. E' conhecida de muitos a controversia de Ruy Barbosa e Carneiro Ribeiro, surgida em 1904, por motivo da redação do projeto do Código Civil. O CARNEIRO PINHEIRO, fica por conta de quem descobriu um tal *Garrete* nos domínios da literatura portugueza. *Garrete* é tão desconhecido, como o Carneiro Pinheiro. Ele quiz dizer J. B. S. L. A. GARRETT!

Ele, o meu contendor, é desses escritores (?) que não se preocupam com a estrutura da palavra, e tão pouco com a da frase. Veja-se: "D'ahi, escrevemos errados". Nesta curta frase, há duas incidências num português inusitado, e uma incorrecção. 1a. e 2a.: A Reforma Ortográfica de 1931 proscrevia o

Continua na 4a. pág.

Caturrices A Desvalorização da Libra

Continuação da 3ª página
apóstrofo ou sinalefa com o advérbio *ai*; o *h* medial era proscrito nêsse mesmo tempo. *Ai* escreveu-se, de então, em vez de *ahi*. Aliás, já em 1907 propunham alguns membros da Academia Brasileira de Letras, a eliminação da sinalefa. 3a.:—Incorreção: O adjetivo *errados* está em função do advérbio, que é uma palavra invariável. Portanto, *errado* (no singular) é que deve ser.

Mas, provando que desconhece o uso do advérbio irregular reincide, cinco linhas abaixo, no mesmo erro: "Churrasqueiam, fartos, a polpa sangrenta..." Que os gramáticos "churrasqueiem farto, a polpa sangrenta..." foi o que tencionou escrever a autor de "A Um Filólogo".

"Na sombra dos seus talentos", não. "A' sombra dos seus talentos" é como se deve dizer.

Se o autor de "vivesecção" e de "A-NORMALISAR" convém em terminar com essa discursão, que tanto o azara, é lá com êle. Continuo eu com as minhas caturrices. Com elas, se pouco construo, certo é que nada destruo. Vou indo.

Lê-se em "O Município"—jornal de cuidadosa redação:

"...Uma garotinha *que* chamar-se-á."

"...Para advertir *aos* motoristas *de* que."

"...Vem de obter no domínio das letras."

"...E através seu avô."

"...antes travestido de."

Corrigindo:

"Uma garotinha *que* se chamará..."

"...Para advertir *aos* motoristas *que*..." ou

Para advertir os motoristas *de* que."

"Vem de obter. Galicismo."

"...E através do seu avô..." *Através o* ou

através seu, é galicismo."

"...antes trasvestido de."

Em "E'cos da Semana":

"...Introduziram à Câmara projetos..."

"...Deliberando *a* apoiar a iniciativa..."

"...Itinerário, *intinerantes*"

"...E que vem de subvencionar o mais

jovem..."

"...Almoçamos p o r muito apetite e fomos

surpreendidos com uma manifestação

"...do grande Rui Barbosa, a ter lugar..."

"...Este projeto vem de sanar..."

"...Transmites"

Não rêsse a medo...

de uma explicação...

É assunto ainda de viva cogitação nos meios econômicos a desvalorização da libra esterlina, medida recentemente tomada pela Inglaterra a fim de solucionar sua situação financeira e consequentemente assegurar sua economia.

A desvalorização do esterlino inglês foi realizada por eminentes economistas ingleses em face da não exportação à altura das necessidades e apreçada por iguais titulares americanos embora afirmem aqueles ser essa uma medida de efeito temporário à situação inglesa e não permanente como pensam alguns interessados no caso.

Com a Grã-Bretanha vinte e três outros países desvalorizaram também suas moedas para congelarem suas atuais relações de câmbio com o aludido país, evitando dessa forma, inúmeras consequências que a este respeito surgiriam.

O caso em foco é próprio de um país que se encontre em desequilíbrio na questão de produção e exportação. Como exemplo temos o caso da França que apesar de já ter desvalorizado em grande porcentagem o franco, necessita ainda de nova desvalorização em sua moeda para poder competir com outros países no mercado internacional na exportação de seus produtos.

Frisado fica que o que forçou a desvalorização da moeda inglesa foi a necessidade de exportação para equilibrar sua situação financeira.

Aqui no Brasil ha quem seja a favor

Continua na 5a. pág.

do grego...

Corrigindo:

Introduziram *na* Câmara projetos..."

"...Deliberando apoiar a iniciativa..."

"...Itinerário, *itinerantes*"

"...Vem *de* subvencionar". Galicismo inadmissível.

"...Almoçamos com muito apetite e fomos surpreendidos por u'a manifestação".

"...Do grande Rui Barbosa, a ter lugar..." A expressão *ter lugar* é francesia". (Ruy).

"...Este projeto vem de sanar". Galicismo.

"...Trâmites".

Luenes Teixeira

O ESTUDO

Cléa Ancilon (2o Ano Básico)

Hoje desconhece-se quase por completo o sentido da palavra dever, até este que a boa sociedade condena. Nós estudantes, na maior parte, vamos à aula não pelo desejo, pela ânsia de aprender, mas às vezes por uma mera fantasia de dizer: — sou aluno de tal estabelecimento, curso tal série.

Devemos estudar, mas estudar com método. O estudo não é apenas ver ou decorar nas entrelinhas de um caderno uma lição para uma prova, exames, etc., mas estudar com afinco, praticar boas leituras, adquirir conhecimentos científicos, históricos, matemáticos e nutrir assim os nossos espíritos de cousas boas e sãs. Para enfrentarmos dignamente a vida futura e também para engrandecermos o nosso querido Brasil, é preciso que estudemos. Só os nossos estudos sanarão a decadência artística e intelectual que vem sofrendo o Brasil. Ora, quase um século é passado e não aparecem outros luminares que se comparem a Gonçalves Dias, José de Alencar, Machado de Assis, Castro Alves, Ruy Barbosa.

É necessário que sejamos superiormente cumpridores das nossas obrigações de integros patriotas, bons, magnânimos e retos. Para se viver, agitar-se e vencer, não é necessário tão somente alisar bancos de academias ou do curso ginásial. Há muito que é mister que o aluno se referte de um bom capital de conhecimentos. Primeiro, o estudo da língua materna. Temos o dever de bem conhecê-la, não somente para exprimir as nossas idéias com ênfase e clareza, mas também para pensar, vencer e ser feliz. Depois a matemática, a história, a ciência, o inglês, o francês e tudo mais que é indispensável à vida atual. O respeito aos mestres é também para nós dever e obrigação. Como faróis, são eles que aclaram aquilo que é negro e obscuro. Têm eles grande soma de responsabilidades. Esta privilegiada mas espinhosa missão de educar e aperfeiçoar as gerações, tornando-as capazes de enfrentar os inúmeros problemas da vida nos seus diversos aspectos, não é para muitos.

Não nos deixemos pois, colegas, arrastar pelo turbilhão dos irresponsáveis,

O MUSEU HISTÓRICO DO CARIRI

Francisco de Assiz Leite é um desses homens que se não contentam em criar uma obra única. O "Almanaque do Cariri" convenceu-o de que sua fatigante realização não mereceria o reconhecimento de todo o Cariri, se outras de suas iniciativas não fossem levadas avante. O "Museu Histórico do Cariri", cuja realização segunda, vem afirmar seu desejo de prestar ao Crato um desses empreendimentos que são dignos de figurar na história literária do Brasil.

É possível que a obra de Assiz Leite venha levantar o ânimo dos intelectuais cratenses. A colaboração de todos na organização do "Museu Histórico do Cariri", é uma necessidade. Não se voltem os cultores das letras carienses a essa empreza tão arrojada, que impossível será para Francisco de Assiz Leite realizar seu grande intento.

PENSAMENTOS AO LÉU

Especial para A CLASSE

Não te humilhes jamais, nem dêes o teu direito.
Diante dos máis, dos prepotentes e dos fortes.
Se a viver deshonrado, estiveres sujeito,
Prefere, meu amigo, a mais crua das mortes.

II

Respeita sempre a opinião alheia,
Mesmo que atinja do absurdo ao nível.
Seja ainda um insensato que alardeia
Qualquer fato que a gente acha impossível.

III

Finge-te tolo e encara com um sorriso
Certas astúcias e propostas do homem.
Fazer que é tolo, às vezes é preciso,
— Mesmo que alguns por imbecil nos tomem.

CARLYLE MARTINS

A DESVALORIZAÇÃO... Conclusão

da desvalorização do cruzeiro, mas esse modo de opinar é errôneo porque o Brasil é um país importador e não exportador.

Tal medida veria beneficiar um pequeno núcleo de exportadores enquanto todo o resto da nação sofreria seus efeitos negativos.

Ora, o cruzeiro desvalorizado perderia na porcentagem fixada o seu poder aquisitivo surgindo daí, inevitavelmente, a inflação agravando mais ainda a situação interna de nosso país.

Não sou a favor da desvalorização do cruzeiro.

Adevaldo Pinto

para quando na selectude não virmos a sofrer o efeito da nossa maléfica preguiça.

Conversando

As notas musicais, expandidas de violão afinado, dedilhadas com maestria, espargem no ambiente um quê de saudade.

Uma voz nostálgica afina com o instrumento e o morro vem abaixo no desacato deste samba:

"Enquanto você não for
Eu não sossego...
Você é um embrulho
Que eu carrego..."

— o —

Aquela é a voz de Zé Rogerio, e, vou me juntar ao se-
resteiro.

—Como vai? nossa amiza-
de.

Felizmente um bordão do violão parte-se e impede a execução de outro numero musical.

A conversa substitue o canto e Zé Rogerio usa a palavra:

—No tempo que eu era rico, um morador de um sitio meu num despropósito de cortesia me convidou para lhe apadrinhar o casório. Tomei conta do noivo e á madrinha encarreguei da noiva. No sitio, mandei fazer latada para o arrasta pé, e matar uns bichos para o jantar. Roupa e mais acessórios imprescindiveis ao

noivo, estavam ultimados.

— o —

—No dia aprazado, á hora exata, chegou Bastião, bem escanhado de cara e limpo de corpo. Levo-o ao quarto onde a fatiôta o espera. A noiva chegou com a madrinha e amigas e ficaram na sala, em bate papo inocente, de quem vai assistir casamento.

—Minha nossa senhora! esqueci de comprar sapatos para o noivo, e sai, pensando onde adquirir botas 44, sola grossa, bico largo. Ao passar pelo quartel da policia vi homemzarrão fardado, escanchado n'uma rede, dormitando, e sob a rede, no chão, um par de *reúnas* á moda do pé de Bastião.

Falei ao soldado:

—Quer me alugar as botinas por cinco bicos, para empresta-las a um noivo?

Negocio feito, apanho as canôas, volto ás pressas e encontro Bastião rodeado de curiosos, mas, ainda de alpercatas.

—Toma—digo lhe entregando uma bota que ele foi mettendo no pé enquanto eu enfiava a outra. A *reúna* teima-

va de não entrar, mas afinal, cedeu á força, entrou.

— o —

Na igreja o Padre dá inicio ao ato. Bastião suava. Suava e embranquecia. Mal o Padre termina a cerimonia, ouço-o dizer:

—Zé Rogerio, eu tou sintindo uma coisa...

Não acabou de dizer e caiu sobre os degraus do altar. Foi um Deus nos acuda de alvoroço e corre corre. Um tomador de tabaco oferece um a pitada. Varias mãos esfregam os braços e o peito do Bastião, ele abre os olhos e diz:

—A ccisa não é no peito, não, é no pé.

Descalço uma *reúna*, nada. Descalço outra e oh! suplicio, adstrito ao pé, imprensando-o, comprimindo-o, deformando o estavam oito cigarros pé duro, uma caixa de seforos, um canivete corneta e meia pataca de cobre...

O soldado costumava botar naquele cofre os seus haveres quando dormitava ao m e i o dia.

Florival Matos

A Semente.

José da Silva Pereira

(Trovas Populares)

Se não me falha a verdade
E o coração não me mente,
O amor e a saudade
Nascem da mesma semente.

Plantada no coração,
Como se faz n'um canteiro,
Não tendo nuga no chão,
O amor nasce primeiro.

Crato (CE), outubro de 1949

Comentário

(Conclusão no número anterior)

Si a depravação de um meio tem aprovação tácita dos que são o poder, então é o diluvio sem plausibilidade de uma velha barca de Noé. Tudo vae se corrompendo em nosso meio. Sem higiene e sem moral, sem conceito e sem preceito. Nada ha de ficar. Com o apoio dos grandes (isto é um paio de grandes!) terá que acabar em ofêgos de sensualismo a sociedade em que vivemos, emulação típica e dolorosa dos ultimos dias de Pompeia.

Dr. Jeser